

SIG EM REVISTA: PSICANÁLISE E CULTURA

Do sistema totêmico ao “sistema *Kanun*”: uma interlocução com a obra *Abril Despedaçado* (Ismail Kadaré).

Juliana Martins Costa, Abril de 2009.

“Seria inútil se enganar. O Kanun era mais poderoso do que parecia. Estendia-se por toda a parte, deslizava pelas terras, pelas bordas dos campos lavrados, penetrava nos alicerces das casas, nos túmulos, nas igrejas, ruas, feiras, festas de noivado, erguia-se até os cumes alpinos, talvez ainda mais alto, até o próprio céu...” (Kadaré, 2001,pg. 27)

I

Abril Despedaçado

É em algum ano da década de 1930, nos Montes malditos do norte de Albânia, que Gjorg Berisha tem o último mês de Abril de sua vida, despedaçado. E junto com o mês, cindi-se sua existência em antes e depois da vendeta.

Um código de leis não escritas, o *Kanun*, rege a vida e a morte dos montanheses. Seu valor supremo é a honra, e em nome dela, famílias passam gerações a se matar, para “recuperar o sangue” dos familiares, em infindáveis rituais de vingança. Mesmo nunca tendo acatado um governo, os habitantes se curvam com fervor e transmitem há séculos o código moral de seus ancestrais. O código é minucioso e cruel, especificando todos os detalhes da vendeta: quem, como, onde e quando matar; a posição do cadáver; o anúncio da morte; o velório e o banquete fúnebre; o sepultamento da vítima; os prazos da vingança e as tréguas entre os clãs; as humilhações que devem ser impostas às famílias enquanto elas não “recuperarem o sangue” que lhe foi tomado.

As dívidas de sangue são lembradas geração após geração, por todos os membros da família e constituem a memória mais importante de um clã. A vendeta que envolve a família de Gjorg foi iniciada 70 anos antes, quando um desconhecido foi vítima de um membro do clã Kryeqyq, depois de ser acolhido como hóspede pelo clã dos Berisha, que assumiu a vingança. Isto porque, de acordo com o *Kanun*, a instituição do amigo está acima de todos os laços humanos, acima até dos da vingança.

Após a morte de seu irmão, o jovem montanhês Gjorg, conforme estabelece o *Kanun*, toma o sangue de Zef Kryeqyq, responsável pela morte de seu irmão. Matar

significa tornar-se um homem honrado, mas também, consentir em ser morto. O pai de Gjorg havia lhe dito: “*és livre para sustentares tua hombridade ou para te infamares*”, mas o rapaz se perguntava, “*sou livre?*”.

Gjorg carrega no braço uma tarja negra, que indica que está envolvido em uma dívida de sangue. Até que a dívida se resolva, existe a proteção da *bessa*, ou seja, de uma trégua concedida pela família do morto antes da retomada da vendeta. A primeira *bessa*, de vinte e quatro horas, é pedida pela família do *gjak* (assassino), e a segunda, de um mês, é solicitada pelos anciãos da aldeia. Os Kryeqyq cederam as duas *bessa*, sendo dezessete de Abril o seu fim. No entanto, o amarelar do sangue da roupa do morto, é um imperativo para que se cobre o sangue, pois o morto sente-se atormentado pela demora da vendeta. Apenas depois da vingança é que a roupa pode ser lavada.

Após a morte de Zef Kryeqyq, Gjorg é obrigado pelo pai, que expressa o *Kanun*, a ir ao enterro e ao almoço fúnebre. Senta à mesa junto com o clã do morto, e mesmo tendo vontade de fugir, sabe que jamais o faria, assim como seus avós, bisavós e tataravós não o fizeram.

Em seguida, Gjorg parte para a *kulle* (residência camponesa) de Orosh, um príncipe, para pagar o tributo do sangue derramado, como era o costume. A *kulle* de Orosh é a guardiã do *Kanun*, e apenas ela se situa fora de seu âmbito. Além disso, a vendeta excluía, também, aos padres e as mulheres. Em seu caminho, Gjorg se questiona quando, quem e como teriam sido criadas as normas tão completas e imperiosas do *Kanun*; mas ninguém sabia dizer ao certo. Sabia da história de sua família: um desconhecido batera a porta da casa de seu avô, que lhe deu abrigo. No dia seguinte, um membro da família o acompanhou até a divisa de terras da aldeia, quando o desconhecido foi morto por um Kryeqyq, e a vendeta recaiu sobre o que acompanhava o amigo, como diz o *Kanun*. Porém, nenhuma praga fora jogada contra o hóspede, pois de acordo com a tradição, o amigo é sagrado. Quem bate á porta e se entrega como amigo, transforma-se em um ser extraordinário, soberano, inviolável, aquele que faz a lei. A única coisa que é proibida ao amigo é mexer na panela que está no fogo, pois significa uma ofensa à mesa do dono da casa.

Ainda rumo à *kulle* de Orosh, Gjorg encontra Ali Binak , um célebre exegeta do *Kanun*, chamado para opinar nos julgamentos mais difíceis, em que os anciãos se dividiam quanto à interpretação do *Kunun*. Além de Ali Binak, Gjorg cruza com um casal de

viajantes em lua-de-mel, Bessian Vorps, um escritor da cidade apaixonado pelo *Kanun*, e Diana, sua esposa. Diana é a única personagem que põe em dúvida o *Kanun*, e atrai-se pela imagem de Gjorg, chamando-o “Hamlet das montanhas”, como fizera Bessian.

Após pagar o tributo na *kulle* de Orosh, Gjorg retorna a sua casa. Passados alguns dias, decide voltar a viajar, dizendo ao pai que deseja ver mais uma vez as montanhas. Mas sabia que partira em viagem, antes de mais nada, para ver de novo aquela mulher da carruagem, Diana. Gjorg e Diana procuravam-se entre as montanhas, em vão.

Na manhã do dia 17 de Abril, o casal Vorps abandonava as montanhas de volta para a cidade. Gjorg caminhava em direção a sua casa, mas tinha pressa, pois sua *bessa* acabaria ao meio dia. Ao saber por um passante para onde se dirigia a carruagem de Diana, Gjorg muda seu rumo em busca da moça. Não a encontraria, mas um membro da família Kryeqyq o encontraria para cobrar o sangue de Zef Kryeqyq.

“Ó Deus, tudo conforme as regras”, pensou Gjorg. O *Kanun* fazia-se cumprir mais uma vez nos montes malditos da Albânia.

Do sistema totêmico ao sistema Kanun

De acordo com Lacan (1938) a família é uma instituição que em todos os grupos humanos desempenha um papel primordial na transmissão da cultura. É a família que transmite estruturas de comportamento e de representação cujo funcionamento ultrapassa os limites da consciência. Ela estabelece entre as gerações uma continuidade psíquica cuja causalidade é de ordem mental. Ainda conforme Lacan, desde a origem existem proibições e leis transmitidas: autoridade; modo de parentesco, herança e sucessão.

O estudo da família na psicanálise freudiana envolve o tema da horda primária, do mito de origem Totem e Tabu. Freud busca suporte na religião totêmica para explicar os fundamentos da civilização. A partir do sentimento de culpa pelo assassinato do pai, os irmãos erigem a religião e a sociedade civil, estabelecendo-as sobre a mesma lei. É esse pacto originário que dá sustentação aos laços coletivos.

Lajonquière (2000) refere que as leis do *socius* não são a lei que barra o acesso ao gozo, mas isto não impede que exista um ponto de cruzamento. A lei social de proibição do incesto equivale, na origem do *socius*, à lei do desejo. Apenas no ponto mítico de Totem e Tabu, ambas as realidades se cruzam.

Conforme Kehl (2000) Totem e Tabu é o mito freudiano de passagem da humanidade, em seus primórdios, de um estado de barbárie, em que a horda desorganizada era submetida ao desejo do mais forte, a um protótipo de civilização, onde o convívio era regido não mais pela lei do desejo do pai tirânico e sim pelo pacto instituído pelos irmãos. Este pacto, que institui o tabu do incesto é chamado de função paterna. Além da interdição do incesto (tabu), o mito da horda primitiva instaura a lei, na passagem do pai imaginário (tirânico) ao pai simbólico (como função, lugar). A interdição passa a ser da ordem da palavra, da ordem do discurso - ordem simbólica.

As leis não escritas referentes ao tabu do incesto e do parricídio são transmitidas de geração em geração, assim como as leis *Kanun*. Este código moral dos ancestrais é transmitido há séculos e respeitado mesmo na ausência de um governo. O *Kanun* não é apenas um código de convívio; sua força o faz estruturante da subjetividade, pois são suas interdições e deveres que orientam o desejo dos montanheses da Albânia. Suas leis são prescritivas, e dizem para onde deve se voltar o desejo de Gjorg.

Talvez se possa, também, associar elementos do *Kanun* a um totem. De acordo com Freud (1913) o totem é objeto de adoração e de temor para os membros dos clãs primitivos. Serve como fator de identificação para o clã, dando-lhe um nome e unindo as pessoas entre si e ao totem por um vínculo de sangue, o que se expressa nos rituais sacrificatórios, realizados mais comumente com os animais totêmicos.

A religião totêmica consiste nas relações de respeito e de proteção mútua entre um homem e seu totem, bem como na fé de ser descendente deste, sendo unido a ele por um elo sagrado. A religião impõe alguns interditos, sendo os principais não matar o totem e não ter relações sexuais com membros do mesmo clã. O *Kanun* é, também, fonte de adoração e temor. Serve como fator de identificação entre os montanheses, pois é próprio de sua ancestralidade e diz da singularidade dos montanheses do norte da Albânia, mas é também temido por todos.

O totem do clã é reverenciado por todos da tribo, que passam a se chamar pelo nome do totem, acreditando possuírem um só sangue. Por acreditarem ser descendentes de um ancestral comum, estão todos ligados por obrigações mútuas e comuns e por uma fé comum no totem. Assim, o totemismo constitui tanto uma religião, quanto um sistema social. No aspecto social, consiste nas relações dos integrantes do clã entre si, e com

membros de outros clãs. O aspecto social do totemismo se expressa principalmente por uma injunção a ser respeitada severamente e por uma ampla restrição. Os membros do clã são irmãos e irmãs e obrigados a ajudarem-se e a protegerem-se. O laço totêmico é mais forte do que o de família, embora os dois não coincidam, pois o totem é herdado, via de regra, pela linhagem feminina. A restrição do tabu proíbe aos membros do mesmo clã totêmico casar-se ou ter relações sexuais uns com os outros.

Assim, como o aspecto social mais importante do sistema totêmico consiste no fato de envolver certas normas de costume regulando as relações dos grupos, sendo as normas que regem as relações matrimoniais de primeira importância, o *Kanun* também envolve regras que regulam as relações de grupo. De acordo com o código, a instituição do amigo está acima de todos os laços humanos, assim como o laço totêmico é mais forte do que o de família, o laço com o amigo também o é. De acordo com o *Kanun*, a única coisa que é proibida ao amigo é mexer na panela que está no fogo, pois significa uma ofensa à mesa do dono da casa. Aqui fica claro o valor dos significantes na cultura. A atitude de mexer na panela do hospedeiro tem um simbolismo e um valor que é próprio da história desta civilização.

Os rituais sacrificatórios também estão presentes em Abril Despedaçado, onde um homem morre para cobrar o sangue do outro. A marca de rituais se mantém nas regras da vendeta, que determina onde e quando matar; a posição do cadáver; o anúncio da morte; o velório e o banquete fúnebre; o sepultamento da vítima; os prazos da vingança e as tréguas entre os clãs; as humilhações que devem ser impostas às famílias enquanto elas não “recuperarem o sangue” que lhe foi tomado. O amarelar do sangue da camisa do morto, indicando que este ainda não descansou, segue a mesma lógica ritualística, e tem um valor significante na cultura.

A prática do tabu cria uma injunção para a realização de atos cerimoniais. A refeição totêmica, cerimônia integrante do sistema totêmico, é talvez o mais antigo festival da humanidade. De acordo com Freud (1913) o sacrifício constituía um sacramento e o animal sacrificado na refeição totêmica era considerado membro do clã. Sua morte e seu consumo (proibido em outras circunstâncias) pelos membros do clã, renovavam e asseguravam a semelhança dos membros com o animal totêmico. Os integrantes do clã,

consumindo o totem, adquiriam santidade, reforçavam sua identificação com ele e com os outros. A participação na refeição comum garantia a santificação.

Tal matança cerimonial é um ato proibido ao indivíduo, mas justificável apenas pela participação de todo clã, não podendo ninguém ausentar-se da matança e da refeição. O sentimento de culpa era aliviado pela solidariedade de todos os participantes, o que reforçava também seus laços de união e lei.

O almoço fúnebre previsto pelo *Kanun* parece resgatar alguns pontos da refeição totêmica. É um ritual em honra ao morto, onde a presença da família da vítima e do assassino parece diluir a culpa pela morte. Afinal, matar é proibido a um fora da vendeta, mas não é proibido aos membros dos clãs envolvidos na vendeta. E ainda, matar fora das leis do *Kanun* é proibido, mas matar conforme as leis do *Kanun*, compartilhadas por todos, é aceitável. De acordo com Kehl “a condição para a elaboração da culpa é a lembrança do caráter coletivo do ato”. (2000, p.34).

É interessante ressaltar, também, a personagem Diana, de Abril Despedaçado. Diana é uma mulher da cidade, que está visitando as montanhas e conhecendo o *Kanun*. Ela é uma personagem que estranha estas leis, que questiona, que coloca em dúvida. Ela é um Outro não inscrito nesta lei, ela está fora deste circuito, fora desta repetição. Talvez nossa função como analistas seja um pouco parecida com a de Diana: quebrar com o que está dado, apontando possibilidades, criando brechas nas certezas.

Mesmo seu contato com Gjorg tendo sido bastante breve, ela passa a ser seu primeiro investimento fora da família e fora da tradição do *Kanun*. Em seus últimos momentos de vida, Gjorg reconhece seu desejo e caminha em direção a ele, buscando encontrar Diana. Mas era tarde de mais, o *Kanun* faria com que tudo ocorresse conforme as regras.

Considerações finais

A realização desta análise foi um desafio. Comentar e relacionar a história com elementos da psicanálise não é uma tarefa fácil, pois as relações não são diretas, de causa e consequência, e não são óbvias. Foi realizado um recorte, pinçadas partes que de alguma maneira comunicavam-me algo. A leitura da obra de Kadaré foi capaz de ampliar meu olhar sobre a clínica, mostrando como a força das palavras deste código são tão intensas,

tão impositivas que parece representar bem como padecemos de palavras, e nos curamos por palavras. É exatamente a possibilidade de falar que parece faltar a Gjorg. E é essa nossa função na clínica, fazer circular a palavra, para que o sujeito reconheça e se aproprie de seu desejo.

Nossa atitude ambivalente em relação ao tabu, é também vivenciada por Gjorg em relação ao *Kanun*, por exemplo, quando sente vontade de levantar-se da mesa da família do morto, mas sabe que não o faria, assim como seus antepassados não haviam feito. Da mesma maneira, no inconsciente não existe nada que mais se goste de fazer do que violar um tabu, mas tememos fazê-lo, precisamente porque gostaríamos, e o medo se torna mais forte do que o desejo. A obediência à injunção do tabu significa em si mesma a renúncia a algo desejável, assim como Gjorg cumpre os mandatos prescritos pelo *Kanun*, renunciado à sua liberdade. Vale lembrar uma passagem do livro, a título de encerramento: O pai de Gjorg havia lhe dito: “*és livre para sustentares tua hombridade ou para te infamares*”, mas o rapaz se perguntava, “*sou livre?*”.

Referências bibliográficas

Freud, S. (1913/1976). Totem e Tabu. In. Coleção Standard Brasileira das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago.

Kadaré, I. (2001). Abril Despedaçado. São Paulo: Companhia das Letras.

Kehl, Maria Rita (2000). Existe uma função fraterna? In: Kehl, Maria Rita (org.). Função fraterna. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Lacan, J. (1938/2003). Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lanjonquière, L. (2000) Psicanálise, modernidade e fraternidade. In: Kehl, Maria Rita (org.). Função fraterna. Rio de Janeiro: Relume Dumará.